

## BREJEIROS E SERTANEJOS: OS DAQUI E OS DE LÁ. UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE FAMÍLIA A PARTIR DE A BAGACEIRA<sup>1</sup>

SIMONE SILVA\*

### RESUMO

Este artigo aborda o conceito de família a partir das questões trazidas pelo romance *A Bagaceira*. Seu principal objetivo é investigar os elementos constitutivos de uma definição mais ampla deste conceito do que aquela proposta pelo modelo de família patriarcal. A fuga da gente do sertão, ocasionada pela seca, e sua busca por um novo espaço – narradas no livro – estabelecem uma situação de aparente caos e desmantelamento familiar. Entretanto, é na relação travada no novo local com os *estabelecidos* que a idéia de *recomposição* familiar se faz tão essencial para compreender a insuficiência do modelo de família patriarcal, quanto explicativa das demais unidades domésticas, assim como também nos revelará, para o caso sertanejo, o que está em jogo na luta pela afirmação da existência dessa unidade coesa.

### ABSTRACT

This article approaches the concept based on the issues brought forth by the novel *"A Bagaceira"*. Its main purpose is to investigate the constitutive elements of a wider definition of this notion than that which was proposed by the model of the patriarchal family. The flight of people from the arid and remote interior, caused by droughts, and their search for a new place – narrated in the book – will result in an apparently chaotic situation and in the dismantlement of their families. However, in their new place, the description of their relationship with the *established* will set forth the idea of *recomposition* of the family as essential to understand the insufficiency of the model of the patriarchal family to elucidate other domestic units. It will also reveal to us what is at stake for the *sertanejos* when they affirm the existence of the family as a cohesive unit.

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados* (José Américo de Almeida, 1928).

*O sertanejo é, antes de tudo, um forte* (Euclides da Cunha, Os Sertões).

Proponho para o presente texto uma discussão sobre o conceito de família, a partir da temática da fuga, ocasionada pela seca, da gente sertaneja, enfatizando sua busca de um novo espaço e de condições melhores de sobrevivência. O ponto central da análise é o confronto com o novo espaço, a região do brejo, onde o sertanejo (o retirante) depara-se com os do 'local' – os brejeiros. Lendo o romance *A Bagaceira* numa perspectiva etnográfica, discuto a *noção de família em jogo*.

O enredo do romance gira em torno dos que são e dos que não são da região; as histórias são contadas tendo como base a apresentação do universo brejeiro contrapondo-se ao sertanejo ou, ao contrário, o sertanejo esforçando-se para assegurar a história de sua gente, ainda que "dispersa" pelo drama da seca nordestina.

De fato, procuro apresentar, aqui, o processo, narrado por José Américo de Almeida,

de inserção dos chamados retirantes sertanejos em uma nova comunidade, visto de uma perspectiva crítica e tendo como base uma bibliografia sobre estudo de famílias no Brasil. É bem verdade que, quando comecei a leitura da obra, não via com clareza como poderia trabalhar etnograficamente o romance a partir de uma das questões debatidas nos estudos sobre família. Escolhi tomar como ponto de partida a apresentação do senhor de engenho, Dagoberto Marçau, e o episódio em que Valentim e sua gente, fugindo da desgraça da seca, chegam à casa-grande pedindo *morada*.<sup>2</sup>

Desde então, a narrativa ressalta dois personagens: um local, que é Lúcio, herdeiro do engenho, e Soledade, a "de fora", vinda com Valentim do sertão. O início da observação daquele universo permite a apreensão de uma sugestiva futura história entre Soledade e Lúcio. Foi aí que o drama saltou do texto para a leitora, pois o objetivo de trabalhar analiticamente o livro, tendo como pano de fundo estudos sobre família no Brasil, pareceu-me, a princípio, um pouco complicado, já que havia como ponto de apoio somente a narrativa de um romance entre dois jovens. A história contada por José Américo, que terei mais adiante a oportunidade de

apresentar detalhadamente, não mudou em relação ao seu início. Resumindo-a, é realmente a história de amor entre o jovem herdeiro e a moça retirante. Mas, surpreendentemente, foi também dessa mesma apresentação – que, no começo, me pareceu ser insuficiente para o que eu pretendia fazer – que os dados surgiram.

José Américo, tal como José de Alencar, Franklin Távora e Euclides da Cunha, assume os relatos dos velhos documentos, as narrativas de romances populares, e descreve, apaixonadamente, a história dos sertanejos. É justamente desse contexto que o autor, como se fora um informante, vai apresentando, através das historietas, os meios pelos quais os sertanejos tentam conservar a honra e a moral de sua gente, e como estes são elementos essenciais na luta pela conquista de um espaço social na região do brejo. Assim, o autor, ao longo da história, com a caracterização do sertanejo e a sua constante comparação ao brejeiro, fez-me perceber a luta existente naquele ambiente que se via “invadido”, periodicamente, por pessoas de outra área – “os de lá”.

## A BAGACEIRA

Personagens	“Quem é quem”
Dagoberto Marçau	Senhor de engenho
Lúcio	Filho de Dagoberto
Valentim Pedreira	Sertanejo, pai de Soledade e padrinho de Pirunga
Soledade	Sertaneja, filha de Valentim
Pirunga	Afilhado de Valentim
Manuel Broca	Brejeiro, feitor do engenho

Era o ano de 1898. Um dia, após o almoço, o senhor de engenho, Dagoberto Marçau, chega à janela de onde se avistavam as “caravanas” de pessoas que fugiam da seca. O senhor de engenho recusava-se a abrigá-las por achar que elas não eram capazes de uma atividade útil e, além disso, por considerar que já havia muita gente no engenho. Entretanto, Dagoberto, após avistar Soledade, resolve acolher o grupo de Valentim em seu engenho.

Lúcio, estudante de Direito, estava de férias na fazenda do pai, porém pouco diálogo tinha com ele. Divergiam em muitos pontos, dentre eles, e o mais sério, era a forma pela qual o pai conduzia o engenho e

tratava a população que trabalhava na Bagaceira. Logo que percebe que o pai havia abrigado os retirantes, Lúcio corre com curiosidade para observá-los e, ao ver Soledade, cai em seus encantos. A presença daquela gente só agradava ao herdeiro; a população da Bagaceira não a via com muita simpatia. Segundo Lúcio, a diversidade da fisiografia paraibana produzia grupos sociais de tipos e costumes diferentes, acarretando, a partir da diferença, uma série de conflitos:

*Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas [...] Os sertanejos eram mal-vistos nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo (p. 5, 6).*

Os acolhidos (passam a ser nesse momento *moradores*) começam a trabalhar no engenho e é nesse convívio com os brejeiros da Bagaceira que se trava uma disputa incessante em defesa da *honra*<sup>3</sup> de sua gente. Até o cachorro [Pegali], vindo com o grupo dos retirantes, era motivo de comparação entre eles: “E os retirantes certificavam-se de que, entre brejeiros e sertanejos, nem os cachorros se davam” (p. 17). O carregar da enxada também os diferenciava: os brejeiros levavam-na ao ombro, como uma cruz, instrumento de suplício; já os sertanejos, sobraçada, como se fosse vara de ferrão, lança de cavaleiro.

O velho Valentim, pai de Soledade – padrinho e pai de criação de Pirunga –, que já havia passado por diversas secas, encarregava-se de contar as retiradas para o curioso Lúcio. Soledade encantara-se com a natureza do engenho e aproveitava suas tardes para desfrutá-la, por vezes, acompanhada pelo herdeiro de tudo aquilo.

Após muita insistência de Manuel Broca, o feitor, e também de Lúcio, Valentim resolve contar-lhes a história de sua cicatriz. “Conhece a derrota de José Rodrigues de Sousa? Era da banda de lá. A filha, forçada pelo sargento Arcanjo, ali na Mata-Limpa... Até a tropa!”, disse Valentim (p. 34). O fato contado era o exemplo vivo de que a dignidade sertaneja sempre se via ameaçada pela desonra. A virgindade era comercializada a baixo preço; às vezes, por um rabo

de bacalhau, outras, por um brote duro. A cicatriz tinha sido o resultado de uma briga, em que Valentim tinha entrado para defender a honra e o nome do avô da moça que tinha sido violentada pelo sargento. O feitor do engenho, Manuel Broca, pergunta-lhe: “Era sua aparentada?”. Valentim, então, lhe responde: “Nem parente, nem aderente. Mas a moça não tinha ninguém por ela... Eu garanti que a moça se casava”. O avô morreria e o agressor da moça fora morto pelos peixes do rio do Peixe.

Tal como no caso descrito por Bourdieu sobre a sociedade Kabila, nesta narrativa, a honra da gente sertaneja era atingida se também o fosse a honra de cada um; isso justifica a entrada de Valentim na luta pela defesa da honra do avô da moça violentada, embora eles não fossem seus parentes. “O homem honrado realiza a vingança e lava a afronta recebida e com desprezo pelos sentimentos, recebendo por isso a aprovação inteira do grupo” (BOURDIEU, 1995: 72).

Lúcio, após ouvir a história, fez o seguinte comentário: “Reservas da dignidade antiga! Resistência granítica, como os afloramentos do Nordeste! Solidificação da família! Tesouro das virtudes primitivas!...” (p. 38). Diferentemente, no brejo, não se brigava por mulher, “[...] o amor não valia uma facada. O ciúme mal passava de ameaças” (p. 44).

A gente da Bagaceira, durante uma reunião, à noite, foi surpreendida pela invasão violenta de policiais; isso porque Dagoberto tinha se desentendido com o chefe local. “E a política adversa despica-se em seus moradores... Chegou e foi metendo o fandangó. Só pra empatar o samba. Passou o refe em tudo” (p. 45, 46). Para a gente do brejo, o governo era apenas essa noção de violência, a prisão ilegal.

O tempo se passava e a aproximação entre Lúcio e Soledade só aumentava. A moça, porém, sentia-se insegura por sua condição de retirante. A proximidade tornou-se tão estreita que Lúcio resolveu comunicar ao seu pai que queria casar-se com Soledade. O pai, apesar de ter se casado com uma retirante, negou o pedido do filho, argumentando, como justificativa, que havia gastado muito dinheiro em seus estudos e que não fazia sentido aquele casamento. Lúcio, não convencido, ouviu do pai a verdade: que também havia se envolvido com Soledade. O rapaz abdica, então, de Soledade em favor do pai.

Por esse tempo, Valentim tinha sido preso, após matar o feitor, acusado de ter, também, um relacionamento com Soledade; e Pirunga encarregou-se de tomar conta da moça na ausência do velho pai. O afilhado, ao visitar seu padrinho na cadeia, comenta com ele que o feitor, de fato, era apenas o “levar-e-traz”, entre Soledade e Dagoberto. Valentim pede ao seu afilhado que lhe prometa não matar o senhor de engenho, afirmando: “Ninguém me tira o meu direito. Um dia, cedo ou tarde, eu hei de me livrar, porque Deus não é servido que eu morra desonrado!” (p. 115). Dagoberto viria a ser morto pelo Corisco, seu cavalo, durante uma vaquejada, ocasião em que o bicho saíra desembestado, levando o senhor. Soledade acusou Pirunga pela morte e até lutou, corpo a corpo, com seu “irmão”.

Lúcio herdou o engenho e casou-se com a filha de um usineiro. Valentim foi absolvido. E o engenho ganhou outra vida, administrado por Lúcio. Soledade voltaria ao engenho somente na retirada da seca de 1915, carregando o filho de Lúcio, também vítima do sertão. Nas palavras de José Américo de Almeida,

*Eram os mesmos azares do êxodo.  
A mesma debandada patética.  
Lares dismantelados; os sertanejos  
desarraigados do seu sedentarismo.  
Passavam os retirantes dessorados, ocos  
de fome, cabisbaixos como quem vai  
contando os passos (p. 135).*

É verdade que o romance é bem mais rico do que esta simples descrição. Porém, a brevidade do resumo se fez necessária para a apresentação da história narrada por José Américo de Almeida. Além disso, na recuperação dos fatos que compõem o romance, selecionei os que, de certa forma, estão diretamente ligados ao que pretendo discutir, a partir de agora.

O momento em que os sertanejos passam para a condição de retirantes, tal como foi apresentado, é excelente para se pensar a denominação de *família* e, além disso, principalmente, o processo de *recomposição familiar*. Considero mais eficaz trabalhar, aqui, com a idéia de uma transformação do que pensar em um simples e inexistente processo de desaparecimento da família sertaneja. Essa noção de desaparecimento não me parece trazer acréscimo intelectual, sendo,

por vezes, até desestimulante para o debate que nos propusemos a estabelecer, visando ao objeto “família”. Vejamos como se explicam, no romance, as circunstâncias em que Pirunga passa a ser ‘filho’ de Valentim:

*Quando tomei conta dele, era deste tope. Foi em 77 [1877]. O pai tinha morrido de comida braba e a mãe era minha aparentada. Eu não podia agüentar tudo, porque ela tinha uma miuçalha de filhos e as coisas já andavam vasqueiras. Aí, ela saiu, aos emboléus, por esse oco de mundo, deixando o mais mirim (p. 25).*

No livro, a trajetória do personagem Pirunga ilustra o drama pelo qual passam as pessoas que sofrem com a seca; poderia ser tomada, também, como uma espécie de demonstrativo, entre muitos outros, de desagregação familiar. Por outro lado, o caso da “adoção” de Pirunga é o exemplo mais emblemático da recomposição pela qual essas mesmas pessoas passam, e sempre em nome da gente sertaneja. Ao longo do resumo, tive a oportunidade de recuperar alguns dos inúmeros casos em que os sertanejos, já na condição de *moradores* do engenho, defendem sua gente em nome da honra, da moral e da braveza – suas características. Agregar Pirunga como se fosse filho, não pode ser visto como um ato isolado de Valentim. Na interpretação de Américo de Almeida, a forma pela qual isto é contado por eles para a gente do brejo mostra como o pessoal do sertão é solidário, em oposição ao egoísmo dos que são dali. Ser parente ou aderente – conforme os termos deles próprios –, não é o que se põe como definidor para o “merecimento” de um gesto solidário; importante é, antes de tudo, ser *gente do sertão*. A solidariedade entre eles aumenta à medida que se encontram diante do grupo local. Logo, considerar que a solidariedade está diretamente ligada à propriedade, como ressaltou Emilio Willems (1953), é distorcer a história dos sertanejos.

Em nome de todo um conjunto de características típicas do sertanejo, Valentim mantinha-se com sua família (o afilhado, Pirunga, e a filha, Soledade), o que, a exemplo das demais famílias sertanejas, é uma forma de solidariedade. A lealdade dos filhos e a soli-

dariedade dos adultos eram acionadas no momento do confronto com os brejeiros.

As narrativas das retiradas, feitas no início e no fim do romance, descrevem os retirantes como um amontoado de gente. Mas, basta “ouvir” um diálogo, para entendermos que o aparente estado de caos faz parte somente do olhar daquele que tem a casa-grande como ponto de referência. Desprezar a recomposição familiar é ofuscar a realidade local. Os parentes, como nos mostra José Américo, estão espalhados, mas as diversas famílias nucleares (pai, mãe, filhos, afilhados e aderentes) seguem ligadas, também buscando a sobrevivência e, sobretudo, lutando em nome da gente de sua terra.

O conflito entre brejeiros e sertanejos – uma forma de relação estabelecida entre eles – desponta claramente, para nós, como o processo de *familiarização* destes últimos; nas *intrigas*, percebemos a solidariedade familiar e o respeito pela gente do sertão. No “julgamento” de um indivíduo, sobretudo no de um brejeiro feito por um sertanejo, aparece a cobrança de lealdade e de solidariedade, como características fundamentais dos sertanejos. Dessa forma, o conflito entre os brejeiros e os sertanejos revela as relações destes últimos com as suas famílias e, num plano mais amplo, com a sua gente. Ser leal e solidário implica ser identificado com um lugar, no caso, o sertão. Além disso, na conquista do novo espaço, que a princípio não pertence aos sertanejos, tais características vêm à tona, através do jogo do controle social, como elementos essenciais de defesa nas acusações e nas intrigas dos brejeiros.

Um mal-feito ocorrido no passado é sempre trazido à lembrança, para chamar a atenção dos sertanejos e para mostrar-lhes que estão constrangidos aos imperativos da honra; a coerção se faz sob pena de uma reprovação coletiva e da vergonha. Pirunga, quando Valentim pensa que Soledade “saía com o feitor”, cobra de seu padrinho o respeito à mulher, ainda que a raiva tomasse conta dele: “Padrinho, vossemecê não é brejeiro! Sertanejo não levanta a mão contra mulher!” (p. 90). Percebe-se que todo o momento de defesa e de promoção da gente sertaneja era também o momento de a intriga ser acionada – forma de mostrar que, apesar de longe de sua terra, o sertanejo segue leal a essa identificação.

No desfecho da narrativa, encontramos o episódio no qual, Valentim, já preso por ter brigado e batido no feitor, toma conhecimento, através de seu afilhado Pirunga, de que o culpado pela desonra de Soledade é o senhor de engenho, Dagoberto. A reação de Valentim, além da surpresa, é a de querer lavar a sua honra, conforme aparece neste diálogo: “- Pois, padrinho, desde que eu soube, só dava tempo era de vir pedir licença ao senhor [...] A pistola já está pronta” [...] - “Ninguém me tira o meu direito. Um dia, cedo ou tarde, eu hei de me livrar, porque Deus não é servido que eu morra desonrado!”, respondeu Valentim a Pirunga.

A vingança, na interpretação de José Américo, representa a arma de defesa do nome da gente sertaneja e também mostra que, apesar de estarem longe de sua terra, eles honravam e lutavam pela preservação do “nome” do sertão. Era a forma de manter a dignidade da família e, de uma maneira geral, a de seu povo. Por isso, não se recorre à autoridade local. O limite da relação de endividamento entre Valentim e Dagoberto vai até o primeiro ter a nobreza e a honra ameaçadas. Ainda que fosse um devedor permanente, não cabia ao sertanejo a aceitação da vergonha, ou seja, desprezar um dos valores supremos de sua sociedade: a honra.

Com o desaparecimento de Soledade – dada como morta –, Valentim sente-se aliviado: “Coitadinha de minha filha! Mas, felizmente, está morta, bem morta... Ela não podia viver assim!” (p. 129). Para Valentim, era como se a filha tivesse perdido a identidade (de sertaneja), ou nos termos de Bourdieu, como se lhe restasse somente uma espécie de morte simbólica, porque sua gente não vive a desonra. Por isso, a morte, apesar do amor paterno, era vista por Valentim como a melhor saída para a filha.

Lúcio, no julgamento do sertanejo, como advogado de Valentim, faz a defesa de seu cliente, afirmando que ele era mais uma vítima do descaso público. Por causa da seca, “Dispersou-se o povo sedentário e esfacelou-se a família [...]” (p. 130). O herdeiro, claramente, relaciona ‘família’ a propriedade e terra. Logo, sair do sertão significa não ter mais família. O que venho buscando demonstrar, ao longo de todo o texto, é justamente o contrário da posição de Lúcio, que se baseava no modelo de família de engenho.

A parentada, como os sertanejos costumam dizer, realmente está espalhada; porém, o que afirmo, mais uma vez, é que, para além da necessidade de uma propriedade, essa gente, no jogo da conquista de um novo território, usa de sua identidade, e de tudo o que a ela está relacionado – por exemplo, os valores supremos de sua sociedade, tais como a generosidade e a coragem – para a afirmação e a autodefesa. Por isso, a recomposição familiar é tão importante: na “lei” sertaneja, não é permitido deixar *gente sua* desamparada, seja ou não parente. A recomposição é tanto uma forma de solidariedade quanto um meio que o indivíduo tem para assegurar a sua nobreza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do romance, foram ressaltados diversos aspectos de maior e menor intensidade, de acordo com o interesse analítico proposto. A questão como a vingança privada, a relação Estado (poder público) e senhor-de-engenho que, de algum modo, não regulam a narrativa dos personagens, optei por pensar o processo de *familiarização*<sup>4</sup> dos sertanejos enquanto retirantes na região do brejo. Por um lado, envolvendo uma relação de dívida entre *morador* e proprietário, de desafio entre sertanejos e brejeiros e, por outro lado, a luta pela honra. Busquei, ao longo do texto, demonstrar que, para o caso analisado, o que está em jogo é a constituição de família – obedecendo aos valores supremos do sertão, generosidade e coragem – que se revela como uma estratégia favorável à gente sertaneja, na luta pela conquista de um novo espaço.

Por esse motivo, houve uma necessidade crucial de me afastar dos autores que em suas análises sobre famílias criaram para elas um modelo fixo. Se seguisse o modelo de família patriarcal, como proposto por Gilberto Freyre ou Oliveira Vianna, seria impossível uma abordagem do que ocorre aos sertanejos; pois, ao deixar o sertão, a família sertaneja desapareceria. Em verdade, venho demonstrar que isso não só não ocorreu como também sua *recomposição* constituiu um meio através do qual se travava a disputa com os *estabelecidos* (ELIAS, 2000). Considerar o desaparecimento da família sertaneja seria condenar a sua gente a uma espécie de morte simbólica, já que isso implicaria a negação total de seus valores enquanto gente do

sertão. Para tanto, trabalhar com as noções de *intriga* (MARQUES, 2002) e de *familiarização e recomposição* familiar (COMEFORD, 2001) foi muito importante para entender que, no caso, é no “confronto” entre retirantes e brejeiros que se pode compreender a família sertaneja. Através da *intriga*<sup>5</sup>, seja pela manutenção ou pela conquista do espaço – nos termos elisianos da disputa entre os *estabelecidos* e os *outsiders* – vemos que a família sertaneja se revela. Não ser um amontoado de gente sem dignidade ou honra, é um fator relevante nesse confronto e concede ao sertanejo o sentimento de igualdade em relação aos brejeiros; sentimento este indispensável para que haja o desafio; ou seja, os brejeiros só entram em conflito com os sertanejos por considerá-los dignos de serem desafiados.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Livro de José Américo de Almeida, publicado em 1928 e considerado pelos críticos literários da época, tal como Tristão de Athayde, como a obra inaugural da rica fase do moderno romance brasileiro. Na década de 1930, momento de crescimento do mercado editorial e também da “criação” do romancista brasileiro como profissional, José Américo de Almeida foi apontado como a principal influência para os então estreados romancistas do Nordeste, sobretudo, para seu conterrâneo, o escritor paraibano José Lins do Rêgo.
- <sup>2</sup> *Morada* é categoria que designa mais que um local de residência. No caso, está vinculada às estreitas relações sociais estabelecidas entre o trabalhador e o senhor-de-engenho. Para ser um *morador*, é necessário um “contrato” particular que o ligue a um determinado engenho: “Quando o trabalhador potencial procura um engenho, antes de pedir trabalho, o que ele procura é *casa*. Mas, não é qualquer casa, no sentido que nós damos a esta palavra, o que ele procura, e sim *casa de morada*; uma casa que permita o sustento dele e de sua família; lhe assegure certas vantagens no engenho e lhe abra certas possibilidades como a do usufruto de um sítio” (PALMEIRA, 1977: 104; ver também Garcia Jr., 1989: 41). Sobre o tema do fim da condição de *morador* e de todas as alterações ocorridas nas relações entre trabalhador e proprietário nos engenhos do Nordeste brasileiro, sobretudo na Zona da Mata de Pernambuco, ver Sigaud (1979).
- <sup>3</sup> O discurso da honra é o ponto central na relação entre os brejeiros e os sertanejos. Essa comunicação entre eles, dada pelo estabelecimento de um conflito, só era possível porque ambos compartilhavam de um mesmo código moral. Antes de ser uma ameaça à ordem social, a competição pela manutenção da honra, ao contrário, a salvaguardava (BOURDIEU, 1995).
- <sup>4</sup> *Familiarização* no sentido de considerar a readaptação e a inserção de uma família, que mudou para uma outra localidade rural, em uma nova rede de relações (COMEFORD, 2001).
- <sup>5</sup> “A noção de intriga não se aplica a um quadro em que as ações recíprocas entre os atores se organizam em uma seqüência pré-figurada. Atribui-se aos atores a condição de sujeitos de seus atos aos quais, na mesma condição, é preciso responder e, por conseguinte, cada ato é presumivelmente dirigido ao intrigado; constitui uma reação a uma ação passada e, ao mesmo tempo, exige uma resposta no futuro” (MARQUES, 2002: 77).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, José Américo de. (1972). *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- BOURDIEU, P. (1995). “Senso da honra”, In: CORRÊA, Mariza (org.). *Textos Didáticos – Três Ensaios sobre a Argélia & um comentário*, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade de Campinas, nº 16.
- COMEFORD, John Cunha. (2001). “Como uma família”. Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco a construção do sindicalismo rural na Zona da Mata em Minas Gerais. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CUNHA, E. da. (1991). *Os sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- FREYRE, Gilberto. (1973). *Casa Grande & Senzala. Formação da família sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. (1989). “Senhores e Moradores: a dependência personalizada”. In: *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Editora Marco Zero; Brasília: Editora Universidade de Brasília: MCT-CNPq.
- MARQUES, Ana Claudia. (2002). *Intrigas e Questões. Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- PALMEIRA, Moacir. (1977). “Casa e trabalho: notas sobre as relações sociais na *plantation* tradicional”. *Contraponto*, II(2): 103-114.
- SIGAUD, Lygia. (1979). “Capítulo I – Lutas políticas e liquidação da morada”. In: *Os clandestinos e os direitos. Estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades.
- WILLEMS, Emilio. (1953). “The Structure of the Brazilian family”. *Social Forces* 31 (4): 339-345.